

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : 637

DATA : 24 09 88

PG. : 4

JORNAL DO BRASIL



Rosa Berardo

Os índios não podem entrar no campo que tem pequi

Barrado na aldeia

Filmagens de Quarup mudam vida no Xingu

Lisa França

GOIÂNIA— A assessora especial da Funai Rosa Berardo denunciou ontem nesta capital que a equipe do cineasta moçambicano Rui Guerra está transtornando toda a vida, o meio ambiente e até o futuro da aldeia dos índios iaualapítis, da área do Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso. Rosa Berardo acusa que, para filmar *Quarup*, baseado no livro do mesmo nome de Antônio Callado, a equipe de Rui Guerra cercou a terra dos índios e fecha a cerca com cadeado, impedindo que eles entrem no acampamento, onde era antigo campo de pequi (fruta nativa). Os índios não pescam mais, ocupados com as filmagens, a roça de mandioca está no fim e a população da aldeia começa a passar fome.

Há três meses participando das filmagens, os índios ocuparam nisso toda a sua vida e, como as mulheres e crianças não pescam, não tem havido peixe para comer e a mandioca está acabando. O pior é que a fome vai prolongar-se pelo ano que vem, porque a roça não foi plantada. Como figurantes ou trabalhadores braçais, todos os índios da aldeia estão envolvidos com as filmagens, testemunha a assessora.

As queixas de Rosa começam quanto ao contrato da Guerra Filmes assinado com a Funai antes que ela começasse a trabalhar na entidade (Rosa foi contratada há dois meses e assessorava o ex-presidente Romero Jucá para assuntos de cultura indígena). Por exemplo, o pagamento aos índios pela prestação de serviços era de Cz\$ 1 mil por dia e Rosa conseguiu, através do advogado Hildebrando Pontes, do Ministério da Cultura, que o pagamento passasse a ser calculado por valores em OTNs. Também conseguiu anular a parte do contrato sobre direitos autorais.

O contraio, explica Rosa Berardo, está repleto de erros jurídicos e de cláusulas lesivas aos índios. Mesmo assim, não tem sido cumprido pela Guerra Filmes. Há uma enorme diferença entre o que se paga ao

índio e o que se paga ao branco. Enquanto cada índio recebia Cz\$ 1 mil por dia por seu trabalho braçal, por exemplo, por mais pesado que fosse, o funcionário mais mal pago da produção recebia Cz\$ 8 mil só para ligar e desligar o gerador uma vez por dia.

Tanto Rosa como o cacique Aritana, chefe da aldeia, que concordou inicialmente com o contrato, estão hoje impressionados com a alteração que a equipe de filmagem causou na vida da aldeia. Os índios, acham ambos, estão esgotados, nervosos, com fome e sem conseguir dormir. Rosa conhece o santuário dos iaualapítis no Xingu, há muitos anos e de muitas visitas. Mas desta vez voltou de lá transtornada: há dois potentes geradores instalados a um quilômetro da aldeia para produzir energia que sirva ao trabalho e ao lazer da equipe. Ambos funcionam sem parar até as 3 da madrugada. E os índios não dormem.

Ao todo, a equipe de Rui Guerra se instalou na aldeia com 130 pessoas, 70 barracas, banheiros, lavanderias com máquinas elétricas, antena parabólica, restaurante e um depósito de equipamentos em forma de circo. À noite, conta Rosa, com as luzes acesas, o acampamento já de longe parece uma pequena cidade, só que cercada de grades e fechada com cadeado. Fundamental na denúncia de Rosa Berardo é que no acampamento são consumidas bebidas alcoólicas, o que é terminantemente proibido pela Funai em terra indígena. Além disso, no meio da maloca está um *outdoor* fazendo estranha propaganda do filme em plena selva e agredindo a paisagem da aldeia indígena.

A Funai, em Brasília, através do chefe de gabinete de sua presidência, o índio Ianaculá, que chegou ontem da aldeia, desmente tudo. Afirma que está tudo tranquilo, que há muita satisfação de todos na aldeia, perfeita integração com a equipe de filmagem. Nem falta alimento, porque caça e pesca já recomeçaram.

Ianaculá contou que a terceira etapa do ritual do quarup foi filmada nesta semana, assistida por ele. O quarup é o ritual religioso de homenagem aos mortos de todas as tribos do Xingu. Popularizou-se a partir do romance de Callado, de 1967, que Rui Guerra agora filma.